trajeto——s comunicantes

a matéria da escuta | **connecting commutes** the matter of listening



No Silêncio, a Arte da Escuta MARCELINO FERREIRA
In Silence, the Art of Listening

Listening marks the primordial rhythm of human communication: it was oral for 50,000 years. Before being written, language had an essentially sonic character. The learning of the mother tongue happens first, and much more naturally, through listening to sounds and only later through learning written conventions. In this sense, orality cannot refer us only to the speaker, but also to the interaction (mental or vocal) that the proclamation produces in the listeners.

Throughout history, little by little, hearing has lost importance to the detriment of sight. We have entered the image society, the world of visuality. This hegemony of the visual has transformed our relationship with the senses. For humans in the 21st century, the loss of sight seems to be more critical and reductive than the loss of any other sense.

Western knowledge has long been devoted solely to finding a way of seeing and reading the world. Unfortunately, as Jacques Attali said, we have forgotten that the world cannot be seen or read, it can be heard. Instead of, or perhaps in addition to, a vision of the world, we can experience a hearing of the world. Instead of seeking only one or several points of view on the world, we can find a point of listening to the world.

The time of listening is more vital than that of seeing. It has a shorter and faster temporality. It is one of the causes of fatigue in today's society. Acceleration tires us and prevents the

A escuta marca o ritmo primordial da comunicação humana: foi oral durante 50 mil anos. Antes de ser escrita, a língua possuía um caráter essencialmente sonoro. A aprendizagem da língua materna acontece primeiro, e com muito mais naturalidade, pela escuta sonora e só depois pela aprendizagem das convenções escritas. Neste sentido, a oralidade não nos pode remeter somente para aquele que fala, mas também para a interação (mental ou vocal) que a proclamação produz nos ouvintes.

Ao longo da história, a pouco e pouco, a audição foi perdendo importância em detrimento da visão. Entramos na sociedade da imagem, no mundo da visualidade. Esta hegemonia do visual transformou a nossa relação com os sentidos. Para os humanos do século XXI, parece ser mais crítica e redutora a perda da visão do que o prejuízo de qualquer outro dos sentidos.

Há muito que o saber ocidental se dedicou apenas a encontrar um modo de ver e de ler o mundo. Infelizmente, como afirmou Jacques Attali, esquecemos que o mundo não se vê nem se lê, escuta-se. Em vez, ou talvez em complemento de uma visão do mundo, podemos experimentar uma audição do mundo. Em vez de procurarmos apenas um ou vários pontos de vista sobre o mundo, podemos encontrar um ponto de escuta sobre o mundo.

O tempo da escuta é mais vital do que a o da visão. Esta possui uma temporalidade mais curta e mais veloz. É uma das causas do

cansaço da sociedade hodierna. A aceleração cansa, impede a serenidade contemplativa que abre o ser humano à consciência dos outros sentidos.

Não se propõe o simples exercício da lentidão, uma vez que, como a aceleração, ambas condicionam (de modo negativo) a capacidade de escuta. O que aqui se propõe é a recuperação da verdadeira qualidade do tempo, o seu aroma. Porque o som, com a sua tensão narrativa, para ser escutado com eficácia, precisa que seja respeitado o ritmo do tempo.

A audição sofre interferências graves, sempre que acontece em modo de aceleração ou de lentidão. Começar a parar, desacelerar, afigura-se como o ato mais revolucionário que podemos fazer nesta época dominada pela imagem e pela visão.

A partir do campo da música, encontramos contributos significativos para recolocar a audição no centro da perceção do mundo: Pierre Henri Marie Schaeffer, um pensador do som como atividade percetiva, da escuta como fenómeno físico e psicológico, do ouvido como instrumento; Raymond Murray Schafer, o criador e impulsionador do conceito de "paisagem sonora" *(soundscape)* e as suas propostas de afinação do mundo; John Cage, com as suas provocações musicais silenciosas e aleatórias; entre outros.

De outras áreas do conhecimento, emergiram contributos igualmente relevantes: o antropólogo Steven Feld, a partir do termo por ele cunhado de "acustemologia", os trabalhos pioneiros de Jonathan Sterne sobre os "estudos do som", o conceito de "comunidades acústicas" desenvolvido por Michael Stocker, a "escuta profunda" de Pauline Oliveros, os três modos de escuta de Michel Chion. Importante tem sido também o contributo de Byung-Chul Han, filósofo contemporâneo

contemplative serenity that opens human beings to the awareness of other senses.

The simple exercise of slowness is not proposed, since, like acceleration, they both condition (in a negative way) the ability to listen. What is proposed here is the recovery of the true quality of time, its aroma. Because sound, with its narrative tension, needs the rhythm of time to be respected in order to be heard effectively.

Hearing is affected by serious interference whenever it occurs in a mode of acceleration or slowness. Starting to stop, to slow down, seems like the most revolutionary act we can do in this age dominated by image and vision.

From the field of music, we find significant contributions to putting hearing back at the centre of our perception of the world: Pierre Henri Marie Schaeffer, a thinker of sound as a perceptive activity, of listening as a physical and psychological phenomenon, of the ear as an instrument; Raymond Murray Schafer, the creator and promoter of the concept of "soundscape" and his proposals for tuning the world; John Cage, with his silent and random musical provocations; among others.

Equally relevant contributions have emerged from other areas of knowledge: anthropologist Steven Feld, from the term he coined "acoustemology"; Jonathan Sterne's pioneering work on "sound studies"; the concept of "acoustic communities" developed by Michael Stocker; Pauline Oliveros' "deep listening"; Michel Chion's three modes of listening. The contribution of Byung-Chul Han, a contemporary philosopher who reminds us of the primacy of listening in the process of communication and in the discovery of meaning for humans, has also been important.

Today, we have lost the ability to listen. It

is no wonder that, very soon, as is already happening in some parts of the world, the profession of listener will emerge and the community of attentive listeners will be increasingly valued. Similarly, freedom of expression must be accompanied by freedom of hearing or, indeed, by the right to be heard. This democratic dimension of listening is fundamental to the construction of more inclusive and dialogical societies. The absence of these freedoms and rights is a profound threat to the human community.

Far from being passive behaviour, listening is a creative act of welcoming the other; being willing to listen is like welcoming the other, inviting them to speak, telling them that the first act of listening is not focused on content, but on the person. It is therefore a starting point for dialogue and for discovering meaning and strengthening the bonds of communion that any good conversation brings to those involved.

Finally, although it is the starting point, hearing is combined with silence. Silent activity is a priority, not an accessory, to listening. A deep relationship exists between a lack of listening and carelessness or even hostility towards silence.

There is a difference between silence and keeping quiet. David Le Breton recalls the etymological variants specific to the Latin and Greek languages: in Latin, while *tacere* refers to the absence of words, *silere* takes on a more positive dimension, a healthy tranquillity; in Greek, a distinction is made between keeping quiet *(siôpân)* and being quiet *(sigân).*

We can assume that, in the Portuguese language, while *shut up (calar)* refers to the interruption of speech, something that is no longer pronounced, silence does not presuppose deprivation, but rather has a basic and

que nos recorda a primazia da escuta no processo de comunicação e na descoberta de sentido para o humano.

Hoje, perdemos a capacidade de escutar. Não admira que, muito em breve, como já está a acontecer em algumas latitudes, surja a profissão do ouvinte e seja cada vez mais valorizada a comunidade dos ouvintes atentos. De modo semelhante, também a liberdade de expressão precisa de ser acompanhada pela liberdade de audição ou, então, pelo direito a ser escutado. Esta dimensão democrática da escuta é fundamental para a construção de sociedades mais inclusivas e dialógicas. A ausência destas liberdades e direitos é uma ameaça profunda à comunidade humana.

Longe de ser um comportamento passivo, a escuta é um ato criativo de acolhimento do outro; dispor-se a escutar é como dar as boas-vindas ao outro, é convidar o outro a falar, é dizer-lhe que o primeiro ato da escuta não está centrado no conteúdo, mas na pessoa, é, portanto, o ponto de partida para o diálogo e para a descoberta de significado e para fortalecer os laços de comunhão que qualquer boa conversação traz aos intervenientes.

Por fim, ainda que na origem seja o princípio, a audição conjuga-se com o silêncio. A atividade silenciosa é uma condição prioritária, não acessória, para a escuta. Uma relação profunda se estabelece entre o défice de escuta e o descuido ou até hostilidade em relação ao silêncio.

Há uma diferença entre silêncio e calar(-se). David Le Breton recorda as variantes etimológicas próprias das línguas latina e grega: em latim, enquanto o *tacere* remete para a ausência de palavra, o *silere* assume uma dimensão mais positiva, uma sadia tranquilidade; em grego, distingue-se o calar-se *(siôpân)* do estar calado *(sigân).*

Podemos assumir que, na língua portuguesa, enquanto calar remete para a interrupção da fala, algo que se deixa de pronunciar, o silêncio não pressupõe privação, antes possui um fundamento básico e primordial, sobre o qual é pronunciado o som e se potencia a escuta.

Se o calar é um bloqueio da palavra, o silêncio é uma proteção contra o desgaste da palavra, porque lhe preserva a originalidade e faz emergir todo o seu sentido. Quando o calar retém a incontinência verbal, o silêncio destila o profundo significado das palavras. Não é para promover a ausência de gestos e palavras; o silêncio é o ponto de partida para a escuta e para a comunicação com os outros e com o mundo.

Ao ato revolucionário de desacelerar, podemos acrescentar a revolução do silêncio. Não é a ausência de som, é o anúncio de um recomeço: condição prévia ao ato de escutar; consequência da autenticidade desse mesmo ato. Porque o diálogo e a comunicação, a fala e a escuta, tudo nasce do silêncio.

primordial foundation, upon which sound is pronounced and listening is enhanced.

If *calar* is a blocking of speech, silence is a protection against the wear and tear of words, because it preserves their originality and brings out their full meaning. When silence restrains verbal incontinence, it distils the profound meaning of words. Silence is not intended to promote the absence of gestures and words; it is the starting point for listening and communicating with others and with the world.

To the revolutionary act of slowing down, we can add the revolution of silence. It is not the absence of sound, it is the announcement of a new beginning: a prerequisite for the act of listening; a consequence of the authenticity of that very act. Because dialogue and communication, speaking and listening, all arise from silence.

Nota biográfica | Biographical Note - p.92

Trajetos Comunicantes - A Matéria da Escuta
Connecting Commutes - The Matter of Listening

Textos | Texts
André Perim; Angelos Kottas; Arjan Onderdenwijngaard; Cláudio Bezz; Frederico Pessoa; Karina Sletten; Khristina Otts; Laetitia Kozlova; Marcelino Ferreira; Nigel Bristow; Paul Devens; Ralph Hoyte; Ricardo Silvestre; Susana Vieira; Teresa Lima; Vanya Nesterets.

Edição | Publishing
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho
Braga 25 Capital Portuguesa da Cultura

Coordenação Editorial | Publishing Coordination // Tradução | Translation: PT-EN / EN-PT
Luís Pinto

Revisão PT e EN | Proofreading PT and EN
Sofia Salgueiro e Ana Daniele Maciel

Grafismo e Paginação | Design and Layout
Salão Nobre

Créditos Fotográficos | Photo Credits
Trajetos Comunicantes
Adriano Ferreira Borges (Braga 25): pp. 140,142,143
Guilherme Maranhão (Braga 25): pp. 131,134,141,144,145,146
Juliana Ramalho (Braga 25): pp. 136,137

ISBN: 978-989-36112-7-2 | 978-989-36112-8-9 (Digital)
Depósito legal | Legal Deposit: 558369/25
Impressão | Printer: Greca Artes Gráficas

Braga 25 Capital Portuguesa da Cultura

Coordenação Executiva
Joana Meneses Fernandes
Mediação e Participação
Cláudia Cibrão
Relações Externas e Produção
Natacha Correia
Produção e Mediação
Carolina Cardoso

Gestão de Projeto e Apoio à Programação
Ana Brito
Comunicação
Samuel Silva (Direção)
Mariana Volz
Rita Neves
José Dantas

Promotores
Cofinanciamento
Parceiro institucional
Com o apoio de